



SABERES ANCESTRAIS E SUSTENTABILIDADE NO CERRADO: R-EXISTÊNCIA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS À COLONIALIDADE

Thays Cristina Lima da Silva - Mestre em Ciências Ambientais - UFOB¹

Sérgio Pessoa Ferro - Doutor em Ciências Jurídicas - UFOB²

Introdução

O artigo discute como os saberes das comunidades tradicionais, especialmente os povos indígenas do cerrado, são historicamente marginalizados em debates sobre sustentabilidade. A partir da hipótese de que o colonialismo, por meio da "colonialidade do saber", prioriza o modelo capitalista de exploração, o texto argumenta que esses conhecimentos são invisibilizados por confrontarem interesses de grandes organizações agrícolas. As práticas ancestrais, baseadas em respeito e reciprocidade com a natureza, oferecem alternativas sustentáveis ao manejo ambiental.

Objetivos

Investigar as contribuições dos saberes tradicionais para a sustentabilidade no Cerrado e analisar como esses conhecimentos podem desafiar as teorias dominantes.

Metodologia

O método utilizado foi de natureza qualitativa onde foi feito um levantamento referencial detalhado, através de uma análise crítica teórica, a partir de estudos de diversos autores sobre o tema.

Resultados e discussões

A não inclusão do Cerrado como patrimônio nacional reduz sua proteção legal e favorece sua exploração. As comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas e geraizeiros, mantêm práticas sustentáveis baseadas na convivência harmônica com a natureza, preservando o bioma e contribuindo com saberes ancestrais. Esses povos, porém, são constantemente ameaçados pela expansão do agronegócio, grilagem e monocultura, especialmente na região do MATOPIBA. O colonialismo e a colonialidade do saber impuseram uma visão racista e sexista que desqualifica os conhecimentos tradicionais, tratando-os como não científicos e atrasados. A invisibilização desses grupos, como estratégia de expropriação, é reforçada pelo Estado e por grandes empresas. Autores como Dussel, Quijano, Nêgo Bispo e Krenak são citados para problematizar as relações de poder e apontar a urgência de "contracolonizar" as práticas sociais. Os conceitos de "r-existência" e "bem viver" expressam as formas de resistência ativa das comunidades, que insistem em manter seus modos de vida e suas relações cosmológicas com a terra. Técnicas agroextrativistas, como o manejo consciente da fauna e flora, revelam uma lógica circular e sustentável, em oposição à lógica linear do capitalismo. A luta pela terra não é apenas por espaço, mas pela preservação de

territórios de vida, cultura e memória. O exemplo das comunidades do Cerrado evidencia que é possível unir conservação ambiental, justiça social e economia solidária.

Considerações

Em resumo, esse artigo buscou destacar a importância dos povos e comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade brasileiro, trazendo como exemplo as comunidades que estão localizadas no Cerrado, evidenciando suas práticas ancestrais e conhecimentos que são desempenhados e favorecem a preservação dos recursos naturais. Contudo, a contribuição desses grupos está sendo ameaçada pelo avanço das atividades econômicas predatórias e pela ausência de políticas públicas eficazes para valorização e proteção desses saberes. É possível observar que as grandes empresas, apoiadas pelo Estado, estão pautadas nos pensamentos coloniais de dominância, promovendo a invisibilização desses povos a fim de tomar as suas terras. Em contrapartida a isso, essas pessoas veem r-existindo e reinventando o seu modo de vida com seus saberes e práticas socioambientais, através de ações coletivas como forma de garantir o bem viver.

Referências

QUIJANO, Anibal. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, organizado por Edgardo Lander, 107- 126. Buenos Aires: Editora Clacso
RIGONATO, Valney Dias.; ALMEIDA, Maria Geralda de. R-Existências Dos Geraizeiros Baianos E O Front Do Agro-Energia-Negócio: Comunidades Geraizeiras Do Baixo Vale Do Rio Guarará, São Desidério, Mesorregião Do Extremo Oeste Da Bahia. GeoNordeste. Nov 2022.

Organização



Apoio

